

**A RECEÇÃO CRÍTICA DE O COMPLEXO BAADER-MEINHOF:
CONTRADIÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS**

Gerald Bär¹

Daniel Ribas²

Resumo: Vários filmes e documentários foram rodados sobre a luta armada da RAF, no contexto dos anos 70, na República Federal Alemã, como, por exemplo, "Deutschland im Herbst" (Kluge, Schloendorff, Fassbinder e Reitz, 1978), "Die dritte Generation" (Fassbinder, 1979), "Die bleierne Zeit" (von Trotta, 1981). Recentemente, o filme *Der Baader Meinhof Komplex* (Edel, 2008), uma adaptação do livro homónimo de Stefan Aust, reaviva o tema, granjeando um sucesso mundial, sendo até nomeado para um óscar. Estreou também comercialmente em Portugal. A Rote Armee Fraktion (RAF) foi fundada em 1970 por Baader, Ensslin, Mahler e Meinhof. A sua motivação implica conceitos comunistas (Marxistas- Leninistas) e anti-imperialistas. Entenderam-se como Resistência (urban guerrilla) contra um estado fascista que na sua percepção era a RFA. Esta comunicação pretende analisar aspetos do filme "Der Baader Meinhof Komplex", nomeadamente o conceito da violência e a sua estetização cinematográfica e as categorias de ética e estética que entraram em conflito na recepção do filme. Será precisamente a recepção na Alemanha e em Portugal que constitui o foco principal desta comunicação. Procurar-se-ão estabelecer paradigmas sobre a crítica de cinema em ambos os países, a partir dos discursos formulados sobre o filme. Dessa forma, será possível estabelecer contrastes culturais entre duas diferentes tradições.

Palavras-chave: cinema alemão contemporâneo; crítica de cinema; violência Baader-Meinhof; RAF.

Contacto: Gerald.Bar@uab.pt; ribas.daniel@gmail.com

Desde Bob Dylan emprestou as suas palavras as cenas finais de *Easy Rider*, as suas canções são muito procuradas para acompanhar e comentar filmes de teor político (da esquerda nostálgica). "Terror Couple Kill Colonel" (1980) é um single do grupo Britânico de gothic rock, Bauhaus, que evoca um dos atos terroristas cometidos pela *Rote Armee Fraktion* (RAF) contra militares dos Estados Unidos estacionados na República Federal da Alemanha. A obra *18. Oktober 1977* elaborada pelo pintor Alemão Gerhard Richter em 1988 mostra cenas da vida e morte dos protagonistas deste grupo na prisão de Stammheim (Estugarda):

¹ Universidade Aberta

² Instituto Politécnico de Bragança



Também já existem jogos de computador que exploram as suas atividades fatais. Mas o que era a RAF? Comparável com as Forças Populares 25 de Abril (FP-25) ou um fenómeno tipicamente alemão devido às particulares constelações históricas e políticas?

A curta história da República Federal Alemã, cuja democracia é baseada num pluralismo partidário parlamentar, registou duas sérias ameaças: a primeira aconteceu logo após a segunda guerra mundial com o bloqueio de Berlim pelas forças da antiga União Soviética e a segunda, um desafio interno, nos anos 70. Durante a revolta estudantil dirigida contra o sistema educacional e contra os valores da geração parental, responsável pela guerra e pelo holocausto, formou-se um grupo que proclamou a luta armada. Esta assim chamada 'Facção do Exército Vermelho' foi fundada em 1970 por Andreas Baader, Gudrun Ensslin, Horst Mahler e Ulrike Meinhof. A sua motivação baseou-se em conceitos comunistas (Marxistas-Leninistas) e anti-imperialistas, sobretudo contra a guerra dos Estados Unidos no Vietname. Definiram-se como Resistência (*urban guerrilla*) contra um estado fascista que, na sua perceção, era a RFA. Ulrike Meinhof e Holger Meins estudaram cinema, produziram películas como *Wie baue ich einen Molotow-Cocktail* [Como se constrói um Cocktail

Molotov] (1968) e *Bambule* (1970) antes de iniciarem a atividade terrorista.³ Tentaram mediatizar tanto os atentados como o subsequente processo após a sua captura para alertar para as alegadas estruturas fascistas do estado alemão ocidental do pós-guerra.

Vários filmes e documentários foram rodados sobre a luta armada da RAF na República Federal Alemã, como por exemplo, *Deutschland im Herbst* (*Alemanha no Outono*, Kluge, Schloendorff, Fassbinder e Reitz, 1978), *Die dritte Generation* (*A Terceira Geração*, Fassbinder, 1979) e *Die bleierne Zeit* (*Os Anos de Chumbo*, von Trotta, 1981). Recentemente, o filme *Der Baader Meinhof Komplex* (Edel, 2008), uma adaptação do livro homónimo de Stefan Aust, antigo editor da revista *Der Spiegel*, reaviva o tema, granjeando um sucesso mundial, sendo até nomeado para um Oscar.



O livro de Aust, cuja terceira edição apareceu pouco antes da estreia do filme, tem quase novecentas páginas nas quais o autor descreve minuciosamente as atividades das três gerações da RAF e as reações executiva, legislativa e de jurisdição da República Federal da Alemanha, revelando grandes falhas individuais, mas também sistémicas perante a ameaça terrorista.

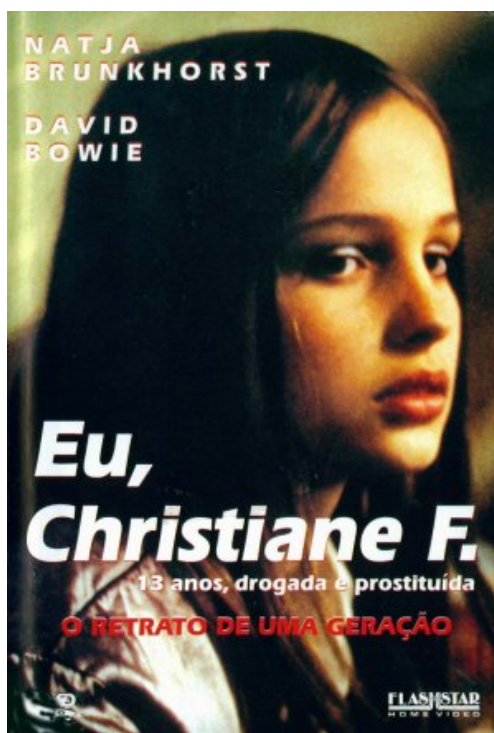
³ Além das ligações com a cinematografia, foi também notável a influência literária de Brecht (*Die Massnahme / A Medida*), Hesse (*Der Steppenwolf / O Lobo da Estepe*) e Melville (modo de codificação da correspondência na prisão: Ensslin utilizou nomes de *Moby Dick* para os seus companheiros: Ahab = Baader, Starbuck = Meins). Cf. Aust, 2006: 111-112, 374-5, 390-395.

Numa entrevista⁴ Aust aprecia o filme que transporta a sua abordagem para o meio cinematográfico, reclamando objetividade, sem ser documentário. Considera Ulrike Meinhof a figura mais trágica da RAF, embora não a vitimizand. O autor considera o filme “extremamente bem conseguido” (“ausserordentlich gut gelungen”) pela sua “distância crítica” e pela intenção de mostrar com grande pormenor o que realmente aconteceu, desde o ambiente da revolta estudantil à escalada da violência.



O cartaz do filme foi inspirado pelo placar da prossecução que já tinha aparecido em *Christane F.* (1981), a película que tornou o realizador Uli Edel famoso nos anos 80.

⁴ Cf. meinkino.ch / Media Mechanics: <http://www.youtube.com/watch?v=WcF8TfTwQaQ> (accedido:15/03/2014).



Tanto *Christiane F.* como *O Complexo Baader-Meinhof* prometem apresentar um retrato de uma geração, ou pelo menos de uma parte da nova geração que entrou em conflito com as normas e atitudes da sociedade *mainstream* na RFA dos anos 70.

O Complexo Baader-Meinhof foi o filme mais dispendioso produzido na Alemanha até à data; a sua estreia, no dia 16 de setembro de 2008, foi preparada com muita publicidade e acompanhada com grandes expectativas. Será que o filme iria revelar novos factos ou abrir novas perspetivas sobre este capítulo da história alemã? Existiu também um certo receio em mexer num caso aparentemente arrumado, evocando o *pathos* e o terrorismo sentimental (“Gefühlsterrorismus”) daquela época que misturava afeto e vida interior com política e violência.⁵ Captando toda a atenção pública, a mediática RAF que se auto-encenou até à morte, foi sempre um ecrã para a projeção de fantasias de violência, de sexualidade e de medo, sobretudo da classe média conformista, embora com atitudes esquerdistas.

⁵ “Gebrochene Idealisten: unendliche Mengen, die nicht nur die Lehrerzimmer, Redaktionsstuben und vor allem die Schauspielensembles der Republik bevölkerten und abends beim Edeltwicker und in der Lederjacke taten, was seit der pragmatisch-phantasielosen Adenauer-Zeit in Deutschland nicht geschehen war: Sie vermischten Seelenleben und Innerlichkeit mit Politik und Gewalt” (FAZ, 14/09/2008).

O género híbrido do filme com a assinatura do argumentista Eichinger, rotulado ‘Doku-Fiktion’ e ‘Dokutainment’, não facilitou a sua apreciação. A rigorosa adaptação do livro, a decisão do realizador de mostrar uma cronologia de factos históricos sem interpretação, a meticulosa reprodução do ambiente dos anos 60 e 70, e a opção de utilizar atores famosos não convenceu nem os críticos da imprensa alemã, nem o júri que atribuiu os Óscars em 2009. O jornal *Die Welt* (editora Axel Springer) lamenta que a popularidade dos atores irá perpetuar a aura mítica dos terroristas⁶ e que a apresentação de demasiados factos era confusa para quem não tenha um conhecimento prévio dos acontecimentos.⁷ Nesta recensão, Hanns Georg Rodek julga prejudicial para a reflexão do espectador a velocidade inicial do filme e os cortes rápidos que faz lembrar a táctica terrorista do ‘hit and run’, uma técnica cinematográfica que pode justificar os piores massacres.⁸

O antigo ministro Gerhart Baum alerta em *Die Zeit* para o perigo da dramaturgia de ação que insinua que as atividades da RAF foram só uma série de massacres, sem objetivos políticos.⁹ Relembra muitos aspetos omissos, tal como a histeria lançada por parte da opinião pública e por políticos e a instrumentalização do terrorismo para fins políticos: “Pois isto é o tema atual, que começou com a política da mobilização interna no tempo da RAF: os nossos direitos básicos são revogados na luta contra o terrorismo – tanto naquela altura como hoje.”¹⁰ Poderíamos acrescentar ainda a dimensão do envolvimento da RDA, de Kurras a *Konkret*; dos campos terroristas na Jordânia a Operação Mogadíscio.

⁶ “So viel seine Protagonisten auch morden, die Aura wird ihnen nicht zu entreißen sein. Dafür werden seine ehrgeizigen Darsteller schon sorgen” (*Die Welt*, 23/09/2008).

⁷ “... zuviel für deutsche Zuschauer, die nicht mindestens ein Grundwissen an Namen und Fakten besitzen, und erst Recht zuviel für die in deutscher Terrorgeschichte völlig ungeschulten Mitglieder der US-Filmakademie ...” (*Die Welt*, 23/09/2008).

⁸ “Geschwindigkeit war und ist immer eine Eigenschaft des Terrorismus. Auftauchen, zuschlagen, verschwinden. Ein Film, der sich dieses Tempo zu Eigen macht, übernimmt – ob er es will oder nicht – diese beschleunigte Taktfrequenz, die Aktion vor Reflexion setzt. Mit schnellen Schnitten lässt sich im Kino praktisch alles verharmlosen oder rechtfertigen, auch das schlimmste Massaker” (*Die Welt*, 23/09/2008).

⁹ “Durch die Action-Dramaturgie entsteht die Gefahr, in den Aktivitäten der RAF nur eine Serie von Gemetzeln zu sehen” (*Die Zeit*, 2008, n° 39).

¹⁰ “Denn das ist das Thema von heute, das mit der innenpolitischen Aufrüstung in der RAF-Zeit begann: Unsere Grundrechte werden im Kampf gegen den Terror beschädigt – damals wie heute” (*Die Zeit*, 2008, n° 39).

A revista *Spiegel Online* elogia os bons atores e a reconstrução detalhada do trauma RAF, mas condena a ausência de uma posição política.¹¹ Sem interpretação e sem (re)construção profunda de personagens, a produção evita a psicologização dos terroristas afastando desta forma quaisquer emoções o que torna o filme uma mera ilustração de uma lição de história. O jornal suíço *Neue Zürcher Zeitung* coloca em jogo a incapacidade do filme de ressaltar a atualidade do tema, alegando que a RAF seja ainda, ao lado do nazismo e da RDA, um campo minado da história alemã. *Tip Berlin* chega a uma conclusão devastadora: o argumento (de Eichinger) sem história, a realização (de Edel) sem características e o filme sem suspense.¹²

Embora a recensão do *Frankfurter Allgemeine Zeitung* criticasse também a “imitação do passado” e a ‘clonagem’ perfeita dos protagonistas sem recorrer ao instrumento de distanciamento na tradição Brechtiana (“Verfremdungseffekt”) ¹³, considera Eichinger e Aust “os melhores argumentistas” e o casting genial. Sobretudo o papel de Bruno Ganz e as protagonistas da RAF mereceram o destaque de Schirmacher. Deteta um novo tipo de mulher no filme que a história literária desconhecia: Martina Gedeck no papel de Meinhof, Nadja Uhl como Brigitte Mohnhaupt e sobretudo Johanna Wokalek como Gudrun Ensslin que não se encontram no imaginário coletivo alemão onde abundam as Otílias e Melusinas.¹⁴ Segundo o *FAZ*, o filme até funciona como uma espécie de “trem fantasma por uma era”. Os terroristas são sexy demais para deixar dúvidas se naquela época se tratava apenas de ideologia.

¹¹ “Eventkino ohne Impetus: Bernd Eichingers Großproduktion "Der Baader-Meinhof-Komplex" besticht durch gute Darsteller und eine detailgetreue Rekonstruktion des deutschen RAF-Traumas. Doch hinter Action und Filmfinesse verbirgt sich eine Historienlektion ohne Haltung” (*Spiegel Online*, 18/09/2008).

¹² “Das Drehbuch besitzt keine Story, die Regie keine Handschrift und der Film keine Spannung” (*Tip Berlin*, 25/09/2008).

¹³ “... totale Identität von Darstellung und Dargestelltem, Sieg der Maske und des Klonens, eine fast genetische Reproduktion der siebziger Jahre und ihrer Protagonisten” (*FAZ*, 14/09/2008).

¹⁴ “Ästhetisch gelingt ihm, in die ausdifferenzierte Literaturgeschichte einen neuen Typus von Frauen einzuführen. Gedeck als Meinhof, Nadja Uhl als Brigitte Mohnhaupt und vor allem Johanna Wokalek als Gudrun Ensslin findet man in der von Ottilien und Melusinen wimmelnden deutschen Phantasiewelt überhaupt nicht. Gudrun Ensslin zählt in ihrem Hass und ihrer Mordbereitschaft zu den rätselhaftesten Figuren der RAF” (*FAZ*, 14/09/2008). Será que neste contexto Schirmacher tenha esquecido a Penthesileia de Kleist?

Todavia, o impacto principal da película no grupo-alvo que é sobretudo a nova geração surge das imagens de acção que evocam um episódio violento e perturbador da recente história alemã. Contrário ao *Der Untergang* (A Queda, Hirschbiegel, 2004) esta produção não é frequentemente solicitada pelos professores de liceus para ilustrar as suas aulas. O dilema entre estética e moral persiste e o produtor, o realizador e os argumentistas estavam conscientes disso: no período pós-11 de setembro qualquer ato de simpatia com o terrorismo era proibitivo, mas por outro lado uma ‘docu-ficção’ sobre um grupo de ‘desperados’ foi sempre mais atraente e mediático do que um retrato de políticos racionais e sensatos.



O *Complexo Baader-Meinhof* não comenta e consequentemente sofre de uma certa ambiguidade, embora sem as tendências apaziguadoras e nostálgicas que encontramos, por exemplo, em *Bonnie and Clyde* (Penn, 1967). Mas também não atinge o grau de frieza e distanciamento de *Badlands* (Malick, 1973) ou a sátira de Tarantino em *Natural Born Killers* (Stone, 1994). Uma recensão dos Estados Unidos, cujos militares e instalações na RFA foram alvos do terrorismo, afirma: “*The Baader Meinhof Complex* [is] a taut, unnerving, forcefully unromantic fictional film about a West German terrorist group whose founders ran bloodily amok in the 1970s ...” (Manohla Dargis, *New York Times*, 20 August, 2009). Todavia, produções recentes sobre atos de terrorismo

nos Estados Unidos, são aparentemente alvos de censura, facto que até a *Wikipedia* reconhece.¹⁵

Fica evidente que os objetivos políticos iniciais da RAF (luta anti-imperialista, antifascista, libertação social) transformaram-se em ódio, perda de realidade e paranóia perante a sua incomunicabilidade e impotência, acabando numa espiral de violência. No entanto, o filme de Edel não consegue transmitir em que reside a tragicidade de Meinhof, pois falha em tornar transparente a motivação da jornalista para trocar a máquina de escrever por uma pistola. A progressiva impossibilidade de comunicar as suas ideias, a decisão de deixar a sua família para uma vida no ‘underground’, o pressuposto errado que a sua ‘causa’ fosse apoiada por uma parte significativa da população da RFA, os efeitos da mediatização – estes raciocínios essenciais que implicavam uma psicologização mais profunda da personagem, ficaram enterrados pelos factos mais concretos. Por mais que tenha ficado claro que Edel e Eichinger não queriam deixar a última palavra para os terroristas, mas sim trazer à tela o rastro sangrento dos seus crimes, a imprensa aponta a falta de respeito pelas vítimas. Ambos, realizador e argumentista, evitaram entrar no campo da especulação na reconstrução do caso de uma resistência falhada cujos meios inadequados (violência) provocaram reacções e regulamentos repressivos e mais controlo por parte do estado. O fracasso da RAF confirmou o fim das grandes lutas ideológicas e a ausência de alternativas concretas ao estado de direito. Neste contexto, o terrorismo reduziu-se a uma função desestabilizadora (aproveitada e financiada pelo regime da RDA) que reforçou finalmente as forças repressivas que eram o alvo principal da crítica.

¹⁵ *The Path to 9/11* was a two-part miniseries that aired in the United States on ABC television from September 10 – 11, 2006, and also in other countries. The film dramatizes the 1993 World Trade Center bombing in New York City and the events leading up to the September 11, 2001 attacks. The film was written by screenwriter Cyrus Nowrasteh, and directed by David L. Cunningham; it stars Harvey Keitel and Donnie Wahlberg. The film was controversial for its alleged misrepresentation of events and people, that some people called inaccurate, biased and included scenes that never happened, which required last minute editing before the broadcast. Despite ABC spending \$40 million on the project, *The Path to 9/11* was beat in the ratings by an NFL game. The Clintons and their supporters made a point of pressuring ABC to pull or edit the production. 3 minutes of footage ending up being cut from the mini series. (http://en.wikipedia.org/wiki/The_Path_to_9/11)

Em termos de géneros cinematográficos, o hibridismo do filme foi prejudicial para uma boa recepção (demasiado complexo para um filme de acção; demasiada acção para um documentário). Mesmo assim, causou um debate mediático entre testemunhos, ex-ministros e ex-terroristas – talvez um debate de fantasmas, mas a realidade para os espectadores é outra: na dramaturgia do filme as novas imagens, mais presentes e mais fortes, suplantam e apagam as mais antigas e influenciam tanto o imaginário coletivo, como a percepção e a interpretação da história: “In der Dramaturgie des Films löschen die neuen, stärkeren Bilder die älteren aus” (Alexander Kluge).

Noutro contexto, a recepção portuguesa do filme foi, de certa forma, fria. Apesar da insistência notória de estratégias de marketing da distribuidora, a obra teve alguma recepção crítica por parte dos suplementos culturais e jornais generalistas. Para além dessa frieza, o filme foi um fiasco no *box-office* português, não chegando aos três mil espectadores¹⁶.

Em termos gerais, as críticas debruçaram-se sobre a revisão contemporânea de factos históricos muito importantes na memória coletiva alemã (e europeia). A insistência do cinema alemão em tratar de eventos históricos traumáticos é logo acentuada semanas antes da estreia nacional do filme, quando o jornal *Público* edita uma reportagem sobre a génese do filme (Henriques 2008). Aliás, esse artigo reforça o papel do produtor de *O Complexo Baader-Meinhof*, Bernd Eichinger, precisamente por já ter produzido¹⁷ *A Queda*, outro filme que refletia sobre um passado terrível do imaginário alemão. Note-se que o filme *O Complexo Baader-Meinhof* começava a ganhar um certo destaque pela sua eminente carreira cinematográfica: estava nomeado para vários prémios e, como dissemos, para o Óscar de Melhor filme Estrangeiro. O destaque ao produtor serve também para colocar o filme a partir de dentro de uma geração que viveu os acontecimentos, em que o objetivo central é retratar esse tempo para as gerações posteriores. A vontade de reviver a história é central no argumento de Eichinger.

¹⁶ Segundo a base de dados europeia *Lumière*. In http://lumiere.obs.coe.int/web/film_info/?id=30226. Acesso em 17/04/2014. Na Alemanha, país de produção, o filme atingiu os 2,4 milhões de espectadores.

¹⁷ O artigo, aliás, chamava à atenção para o facto de Eichinger ser também argumentista de ambos os filmes.

Neste texto ainda prospetivo do *Público*, já se dava destaque à dúplice receção alemã do filme: “Na Alemanha provocou alguma polémica, não só porque alguns familiares das vítimas sentiram que o filme não lhes prestava a devida homenagem como porque outros viram nele uma certa *glamourização* do terror – voltou a usar-se a expressão «terrorismo chique», depois de há alguns anos terem aparecido t-shirts com o slogan «Prada Meinhof».” (Henriques 2008, 46). Apesar de não ser uma crítica, o texto avança já para o terreno de género do filme, ao colocá-lo como um “filme cheio de acção, que recorre a uma técnica a que o produtor chama de «drama de fragmentos» - cada espectador constrói o puzzle.” De facto, a forma estética do filme iria determinar a receção portuguesa do filme. Mas, seguindo ainda Henriques, vemos como o aspeto da violência é destacado, assim como uma certa contextualização dos aspetos históricos do filme, bastante ignorados na opinião pública portuguesa.

Na estreia do filme, diversos jornais portugueses deram algum destaque crítico. Em termos gerais, nota-se como a maior parte dos críticos portugueses assinala a ambivalência entre um tema muito complexo e fórmula do entretenimento do docu-drama. É, por exemplo, a opinião de Vasco Câmara (2009), do *Público*, que critica esse tom entre o documentário e o drama que retira espessura dramática às personagens: “[o filme] é uma narrativa aos soluços, sem conseguir dar espessura e continuidade às personagens – num momento esses guerrilheiros que se zangaram com a geração dos pais, pelo pacto feito com o nazismo, com o imperialismo e com o Estado, são patetas; logo a seguir são militantes aguerridos”. Do ponto de vista do crítico, o filme acaba por não ter um ponto de vista, que assim “fica sem possibilidade de nos falar de hoje”.

É também essa a perspetiva de Francisco Ferreira (2009), do *Expresso*, que elogia ironicamente a reconstituição de época, para notar a falta de uma visão política sobre o que o filme narra: “o resultado é de uma competência sem mácula, da fina flor dos novos actores germânicos a uma reconstituição de época incrível. Infelizmente, faz tábua-rasa da história. Limita-se a narrar a génese, ascensão e queda da RAF, e fá-lo sem um ponto de vista”. A crítica

aproveita, assim, para assinalar a propensão da indústria alemã para este tipo de produtos com altos valores de produção, mas inócuos na discussão política do contemporâneo.

Em perspetiva contrária, podemos ver como Eurico de Barros (2009), no *Diário de Notícias*, ressalta o facto do filme, apesar de uma certa simplificação, não deixar de mostrar aspetos terríveis do movimento, notando que o filme “nem por uma vez idealiza ou romantiza os homens e mulheres que aterrorizaram a Alemanha afluyente e flácida, e atemorizaram a Europa, nos incendiários anos 60, e na sangrenta década de 70”. O crítico assinalada a complexificação das personagens, mostrando como os membros mais notados do grupo – Baader, Meinhof e Ensslin – eram personalidades complexas e ambivalentes.

É este também o sentido da crítica de João Lopes (2009), para o Magazine Cinemax (RTP e Antena 1), ao destacar a complexidade das personagens dos líderes do grupo. Aliás, Lopes elogia mesmo a caracterização ambivalente da época: “[o filme não desliga] a sua actividade de um contexto mais geral em que, nomeadamente na Europa, se viviam grandes convulsões sociais e políticas (sendo Maio 68, em França, a mais emblemática dessas convulsões).”

Contudo, note-se que *O Complexo Baader Meinhof* não foi propriamente recebido com um aparato crítico grande. Observa-se, no entanto, que a crítica se dividiu. Se o retrato de época é quase sempre valorizado, o passo seguinte – um ponto de vista crítico e dialogante com a contemporaneidade – é criticado. Curiosamente, o próprio realizador em entrevista ao *Público*, caracteriza o filme dentro da incapacidade de tomar posição: “há imensos pontos de vista e não chegaria a nenhum satisfatório para toda a gente” (in Henriques 2009). Para Uli Edel, o filme é um retrato das mudanças históricas e sociais que resultam na concretização das brigadas e da sua atividade. Para alguns críticos – e aí junta-se alguma da crítica portuguesa e alemã –, a não tomada de posição leva-o a ficar num meio termo. Nesse sentido, o filme preocupa-se mais com o retrato fiel do que com um verdadeiro debate sobre o que significou e significa o movimento RAF.

BIBLIOGRAFIA

- Albers, Sophie. 2008. “Der Baader Meinhof Komplex Die RAF als Popcorn-Kino”, *Stern.de*, 18 de setembro <http://www.stern.de/kultur/film/der-baader-meinhof-komplex-die-raf-als-popcorn-kino-639453.html>
- Aust, Stefan. 2008 [1985]. *Der Baader Meinhof Komplex*, 3ª edição revista, Hamburg: Hoffmann und Campe.
- Barros, Eurico de. 2009. “Os tempos dos Baader Meinhof e os anos de terror na Alemanha”. *Diário de Notícias*. Acedido em 5 de agosto. http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=1148160&eccao=Eurico%20de%20Barros
- Baum, Gerhart. 2008. “Film ‘Baader Meinhof Komplex’ Es war kein Krieg” *Die Zeit*, nº 39: <http://www.zeit.de/2008/39/Baader-Meinhof-Film>
- Borcholte Andreas. 2008. “Eichingers ‘Baader-Meinhof-Komplex’: Die Terror-Illustrierte”. *Spiegel Online*, 18 de setembro. Acedido a 5 de agosto de 2014. <http://www.spiegel.de/kultur/kino/eichingers-baader-meinhof-komplex-die-terror-illustrierte-a-578786.html>
- Câmara, Vasco. 2009. “O Complexo de Baader Meinhof”. *Público*. Acedido em 5 de agosto de 2014. In <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/o-complexo-de-baader-meinhof-1654836>
- Dargis, Manohla. 2009. “The Journalist Who Exchanged Her Typewriter for a Gun”, *The New York Times*. Acedido a 10 de agosto de 2014. http://www.nytimes.com/2009/08/21/movies/21baader.html?_r=0
- Ferreira, Francisco. 2009. “O Complexo Baader Meinhof”. *Expresso*. Acedido em 5 de agosto de 2014. http://expresso.sapo.pt/cultura/cartaz_escolhas_expresso/criticas-de-cinema-de-31-de-janeiro-a-6-de-fevereiro=f494740.
- French, Philip. 2008. “The Baader Meinhof Complex”, *The Observer*, 16 de novembro. Acedido em 13 de julho de 2014. <http://www.theguardian.com/film/2008/nov/16/the-baader-meinhof-complex-review>
- Gunske, Volker. 2008. “Eichingers RAF-Medley “Der Baader Meinhof Komplex””, *Tip Berlin*, 25 de setembro. Acedido a 5 de março de 2014.

<http://www.tip-berlin.de/kino-und-film/best-raf-der-geschichtsfilm-der-baader-meinhof-komplex>

------. 2008. “Deutschland im RAF-Trauma”, *Tip Berlin*, 2 de outubro. Acedido a 5 de março de 2014. <http://www.tip-berlin.de/kino-und-film/deutschland-im-raf-trauma>

Henriques, Joana Gorjão. 2008. “Baader-Meinhof, um Complexo Alemão”. *Ípsilon/Público*, 19 de dezembro.

------. 2009. “A minha geração”. *Ípsilon/Público*, 30 de janeiro.

Hermann, Kai / Koch, Peter. (s.d.). *O Caso Schleyer / A Operação Mogadíscio: Duas Grandes Reportagens da Revista Stern* (trad. TRADUZ, Lda.), Lisboa: Edições Jornal Expresso.

Kurbjuweit, Dirk. 2008. “Bruno Ganz im RAF-Film: Der Ex-Sympathisant”, *Der Spiegel online*. Acedido a 5 de março de 2014. <http://www.spiegel.de/kultur/kino/bruno-ganz-im-raf-film-der-ex-sympathisant-a-577016.html>

Lopes, João. 2009. “Filmar a história para além das regras televisivas”. *Cinemax/RTP*. Acedido a 13 de agosto de 2014. <http://www.rtp.pt/cinemax/?t=Filmar-a-historia-para-alemdas-regras-televisivas.rtp.rtp&article=155&visual=2&layout=8>

Rodek, Hanns Georg. 2008. “Der große Baader-Meinhof-Konsens”, *Die Welt*, 17 de setembro. Acedido a 5 de março de 2014. <http://www.welt.de/kultur/article2459708/Der-grosse-Baader-Meinhof-Konsens.html>

------. 2008. Interview zum RAF-Film: “Andreas Baader redete ziemlich Murks”. *Die Welt*, 23 de setembro. Acedido a 13 de abril de 2014. <http://www.welt.de/kultur/article2479112/Andreas-Baader-redete-ziemlichen-Murks.html>

Schirmacher, Frank. 2008. “Der Baader-Meinhof-Komplex Diese Frau brauchte mich ganz”, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 14 de setembro. Acedido a 13 de abril de 2014. <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/kino/der-baader-meinhof-komplex-diese-frau-brauchte-mich-ganz-199463.html>